

QUE FIZ POR ELA?

(Cont. da pág. 15)

— Olha, menina, se isso vai por diante, é porque queres! Com tantos remédios que há agora...

— Cale-se! Serei uma desgraçada, mas não quero lavar a minha nódoa com um crime... hei-de criar o meu filho, custe o que custar, ouviu?

E... completou-se o tempo. Mas um ataque de eclâmpsia veio pôr termo à sua vida amargurada, e a mesma sepultura recebeu o filho e a mãe, numa tarde sem sol.

Juntou-se toda a aldeia em redor do caixão, naquela noite de velada.

Levámos-lhe flores e as nossas lágrimas, e a todo o momento se murmuravam preces para que, enfim, descansasse em paz aquela alma que passara dias tão desolados na terra!

Mas, junto do corpo inanimado, ao fitar os lábios que, numa contracção dolorosa, pareciam deixar passar os últimos queixumes do coração, eu senti que ela se dirigia a mim e a todos os que a rodearam em vida, numa censura amarga:

— Minha mãe, porque fizeste de mim uma boneca vaidosa?

Porque me deixaste namorar às escondidas?

A minha honra não valia nada para ti?

— Meu Pai, tu que sabes o que são os homens, porque não mandaste a minha mãe avisar-me?

Porque te ias deitar, a dormir tranquilo, quando sabias que a honra da tua Júlia corria perigo?

— Companheiras de trabalho, porque me contastes coisas estranhas, que despertaram a minha maldade?

— Mulheres que me criticastes enquanto eu me precipitava no abismo, porque não me sustivestes com as vossas mãos experientes?

De que me servem agora essas lágrimas fingidas?

...E, durante aquela noite de vela, eu senti como uma verdascada no rosto, a reprovação merecida do meu egoísmo, que não me deixou ver, enquanto era tempo, que também eu tinha culpa nas culpas da Júlia.

Boa Semente

JANEIRO DE 1958

8^o



Cuidados que devemos ter...

Vai parecer estranho que comece os «Cuidados que devemos ter», contando uma história. Mas, se a leres com atenção, minha amiga, talvez te agrade.

Era uma vez, uma rã que vivia com as filhas, à beira dum charco. Certo dia, viu um animal que lhe pareceu um gigante, tão pequenina era a rã e tão grande era o boi que se debruçava na borda do charco, para beber e matar a sede.

Logo a pateta da rã teve a louca ideia de se tornar do tamanho do boi.

Pôs-se a inchar, a inchar, a respirar muito fundo, para distender a pele e tornar-se muito maior... Então, aos saltinhos, foi junto das filhas e perguntou-lhes:

— Meninas, olhem para mim. Que dizem? eu já estarei do tamanho do boi? As filhas responderam em coro:

— Que ideia, mãe! Nem se aproxima sequer, do tamanho do boi...

A rã não desistiu do seu intento e inchou, inchou ainda mais e tornou a perguntar às filhas:

— E agora, meninas, já estarei do tamanho do boi?

— Ai, mãe, ainda lhe falta muito, muito para ser como o boi... E a rã inchou, inchou mais, e tanto que a pele, não podendo dilatar mais, estourou...

Fedro, autor desta fábula, quer ensinar-nos que devemos viver a nossa vida tal como ela é e não tentarmos imitar o viver alheio.

É imprudente querermos fazer de ricos e gastarmos mais do que podemos. Gastar à toa, sem deitar contas à vida, sem pensar no dia de amanhã, pode levar-nos pelo mesmo caminho da rã, que estourou por querer ser dum tamanho a que a sua pequenez não podia chegar...

MALVAZUL



Vida
que
começa...

Ano novo! A Vida não pára. A vida e o tempo.

Os anos morrem; mas, outros vêm e nascem, Deus sabe se mais belos, mais esperançosos... Se a levar o mundo para novos destinos!

A vida não pára... E mais um ano chegou ao fim. E morreu...

Mas outro veio, a continuar a Vida, a iluminá-la de clareza, a encher os corações de esperança, a aumentar a Fé nas almas!

A Vida!

E quantas vezes se sofre e chora; e a Vida é uma estrada bem dolorosa, bem triste!...

Mas os dias, os meses, passam...

E o Senhor, na Sua infinita misericórdia, concede a graça de que as mágoas, com o correr do tempo, vão diminuindo, embora a saudade não se apague nas almas. Mas é uma saudade doce, talvez até suave...

Se a Vida é assim!

Aqui, gargalhadas alegres, felizes; acolá, soluços e lágrimas; além, uma esperança segredada pelo fervor da Fé em Cristo!

(Continua na pág. seguinte)

GRÃOS DE

LITURGIA

Parece-nos útil falar aqui às mulheres cristãs da parte de responsabilidade que têm pelo mau arranjo em que estiver a igreja da sua paróquia.

Quantas aldeias há em que a igreja é pobre mas cuidada, e outras em que, além de pobre, está abandonada por falta de amor!

O sobrado é velho e carunchooso mas, se fôr varrido e esfregado a miudo, deixará de parecer o mesmo. Os altares, os bancos, o púlpito, os confessionários, têm camadas de pó; limpos e lavados, farão outra vista.

Aldeias há onde, infelizmente, o sacerdote só vai ao Domingo e as chaves estão entregues a uma pessoa de confiança, sim, mas que não tem tempo nem, talvez, amor para tratar da igreja.

Bela ocasião de uma mulher testemunhar a Deus esse amor, se o tem. Onde haja uma mulher cristã, não há razão para haver uma igreja mal cuidada, na aldeia vizinha.

Não pode, nem deve ir só, mas, pedida a autorização ao pároco, organizará um grupo a quem pedirá auxílio, e a quem distribuirá incumbências.

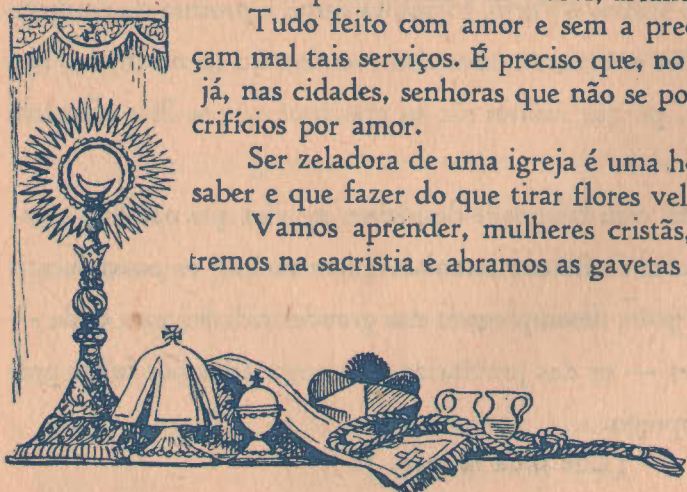
Com palavras de entusiasmo, e sempre com amor, insistirá para que as pessoas que prometeram ajudar mantenham as suas promessas; e que promessas e sacrifícios mais poderão agradar a Nosso Senhor?

Ver rodeado o seu sacrário, habitada a sua Santa Morada por almas que Lhe mostram quanto O querem honrar, umas esfregando o chão, outras lavando e concertando os paramentos e os vidros, areando os metais, etc.

Tudo feito com amor e sem a preocupação de que pareçam mal tais serviços. É preciso que, no campo, saibam que há já, nas cidades, senhoras que não se poupam a todos estes sacrifícios por amor.

Ser zeladora de uma igreja é uma honra que tem mais que saber e que fazer do que tirar flores velhas e pôr flores novas.

Vamos aprender, mulheres cristãs, e, para começar, entremos na sacristia e abramos as gavetas do arcás.



Vemos Corporais, Sanguinhos e Manustérgios, que só devem ter servido uma vez e estão amarrotados.

Vamos levá-los já para nossa casa e trazê-los depois lavadinhos e passados a ferro? Não. Cuidado.

Os Corporais, Sanguinhos e Palas que serviram no Santo Sacrifício da Missa devem ser, primeiro, passados por duas águas que deverão ser lançadas em lugares onde não se pisem, ou então no fogo, por um sacerdote, e só depois é que serão entregues à pessoa que os lavar.

Estes panos litúrgicos (assim se chamam) estão velhos e são poucos e, se formos ao gavetão das toalhas e mais paramentos, ouvimos o Senhor Prior queixar-se das faltas que tem.

A vaidade leva-nos sempre a oferecer à igreja as coisas que são mais vistas pelas outras pessoas, daí, o que primeiro lembra é uma toalha de altar com uma grande renda. E porque não consultar o Senhor Abade sobre qual dos panos litúrgicos que maior falta lhe faz para o serviço do culto?

Vamos começar hoje a dar indicação dos nomes, significação e uso dos vários paramentos.

O CORPORAL. É um quadrado de linho embainhado com 45 x 45 sobre o qual o Sacerdote coloca a hóstia e o Cálix, isto é, o *Corpo de Jesus Cristo*. Da palavra *corpo* nasceu o nome de «corporal». Só pode ser de linho e deve ser benzido antes de ser posto a uso. Tem uma pequenina cruz bordada a branco, num dos lados, e é dobrado de uma forma particular que o padre ensinará.

Serviços de cultura litúrgica da L.C.F.

